

**INOVAÇÃO SUSTENTÁVEL E DESIGN PARA A SUSTENTABILIDADE EM
GRUPOS PRODUTIVOS**

*SUSTAINABLE INNOVATION AND DESIGN FOR SUSTAINABILITY IN PRODUCTIVE
GROUPS*

CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista Lustosa;
Universidade Estadual de Londrina; Universidade Federal de Santa Catarina;
anaboavista@gmail.com

SITTA PRETO, Seila Cibele;
Universidade Estadual de Londrina
cibelesittap@gmail.com

FIALHO, Francisco Antônio Pereira;
Universidade Federal de Santa Catarina;
fapfialho@gmail.com

RESUMO:

Este estudo visou o discernimento sobre o constructo Inovação Sustentável no escopo do Design para a Sustentabilidade em dois diferentes cenários de grupos produtivos no Brasil, a saber: um indígena e outro urbano, consistindo, deste modo, um de conhecimento local e tradicional e outro de produção semimanufaturada. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, propiciando a construção de conhecimentos sobre a inovação sustentável nesses grupos produtivos, proporcionada pelo design para a sustentabilidade com foco na equidade social e na inclusão econômica.

Palavras-chaves: Inovação Sustentável; Design para a Sustentabilidade; Grupos Produtivos.

ABSTRACT:

This study aimed to discern the construct Sustainable Innovation within the scope of Design for Sustainability in two different scenarios in productive groups in Brazil, namely: an indigenous group and another one urban, consisting thus one of local and traditional knowledge and other semi-manufactured production. For this, we carried out a bibliographical and documental research, allowing the construction of knowledge about sustainable innovation in these productive groups, provided By Design for sustainability with a focus on social equity and economic inclusion.

Key-Word: Sustainable Innovation; Design for Sustainability; Productives Groups.

INTRODUÇÃO

As competências do designer no desenvolvimento de projetos de cunho social podem se estender além da observação, da interação e da criação de produtos e de sistemas. Estas devem possibilitar a busca por uma ética global.

O *International Council of Societies of Industrial Design* – ICSID (2008) aborda o design sob uma ótica mais ampla e cita que uma das principais missões do designer é “tomar conhecimento e avaliar as interconexões estruturais, organizacionais, funcionais, expressivas e econômicas com o objetivo de reforçar a sustentabilidade global e a proteção ambiental” e por esta razão trabalhar por uma ética global.

Nesta finalidade, quanto à ética social, o ICSID (2008) cita que o design deve:

- propiciar benefícios e liberdade para toda a comunidade humana, individual e coletiva, incluindo usuários, produtores e protagonistas do mercado, permitindo contextualizar em uma ética social;
- apoiar a diversidade cultural apesar da globalização mundial, possibilitando a ética cultural;
- fornecer produtos, serviços e sistemas, que são as formas expressivas e coerentes com sua própria complexidade, lidando com a mensagem icônica e a mensagem plástica (estética) dos artefatos.

Portanto, este artigo tem como objetivo discernir sobre o constructo Inovação Sustentável no escopo do Design para a Sustentabilidade em grupos produtivos.

Deste modo, a questão central é: como a inovação sustentável pode ser inserida por meio do design para a sustentabilidade no contexto dos grupos produtivos formados por comunidades desprivilegiadas economicamente?

Para tanto, realizou-se as pesquisas bibliográfica e documental. E do ponto de vista dos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, pois busca ampliar o conhecimento a respeito do tema design e inovação sustentável em dois diferentes cenários de grupos produtivos, a saber: um indígena e outro urbano, consistindo, deste modo, um de conhecimento local e tradicional e outro de produção semimanufaturada.

Este estudo propiciou a construção de conhecimentos sobre a inovação sustentável em grupos produtivos proporcionada pelo design para a sustentabilidade com foco na equidade social e na inclusão econômica.

DESIGN SOCIAL E SUSTENTÁVEL - a busca por uma ética global

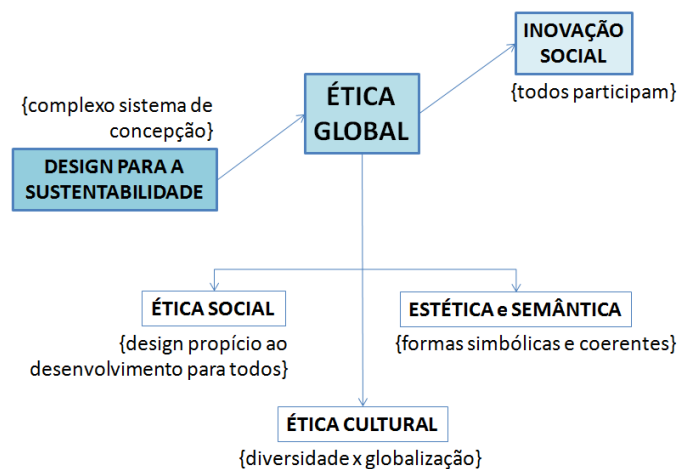
A ética global, no argumento deste trabalho, pode ser vista como princípio norteador para alcançar a inovação social por meio do design para a sustentabilidade, visando à inclusão e a equidade social.

O design atua em uma sociedade na qual, segundo a sociologia contemporânea, todos precisam participar do projeto, portanto, torna-se necessário considerar o design como parte de um complexo sistema de concepção. (MANZINI, 2008). Neste ponto, este autor admite que “a sustentabilidade requer uma descontinuidade sistêmica: de uma sociedade que considera o conhecimento contínuo de seus níveis de produção e consumo como uma condição salutar [...]” (2008, p.19). Esta descontinuidade sistêmica poderá ocorrer em um longo período de transição e por meio de um processo de aprendizagem social. Transformação esta que poderá atingir todas as dimensões de um sistema sociotécnico.

O modelo sociotécnico considera a organização não como um sistema único, mas como um todo sistêmico composto de muitos subsistemas interdependentes (FERREIRA, 2013).

Como é demonstrado na figura 1, o design para a sustentabilidade é um complexo sistema de concepção em que todos os envolvidos precisam participar do projeto para se alcançar a inovação social.

Figura 1 – Ética global e inovação social.



Fonte: própria, baseada em ICSID (2013); Manzini (2008).

O design busca propiciar benefícios para todos e não somente para grupos sociais abastados. São propostas de bem estar baseadas no acesso ou nos serviços e que, conforme

Manzini (2008), este bem estar se associa a uma economia fundamentada no conhecimento e na qualidade de vida.

De acordo com Maeda¹, a "arte e o design estão preparados para transformar a economia do século 21, tanto quanto a ciência e a tecnologia o fizeram no século passado". Estes profissionais poderão iniciar processos de inovação. E não apenas a inovação tecnológica, mas também a social e sustentável, cultivando características de uma liderança baseada na inspiração, nas redes de contato, nas interações e experimentações. É necessário fundir arte, design e pensamento crítico no desenvolvimento de soluções técnicas e científicas mais humanizadas, possibilitando a criação de valores para todos.

Cita-se a publicação "Criando valores para todos: estratégias para fazer negócios com os pobres" do PNUD (2008), que é uma iniciativa para o desenvolvimento de mercados inclusivos em que o setor privado se torna relevante fonte inexplorada de investimento e inovação para se alcançar os "Objetivos de Desenvolvimento do Milênio". A publicação apresenta 50 estudos de caso sobre o desempenho do setor privado no desenvolvimento humano e no combate a miséria em vários países e demonstra como o negócio com os excluídos social e economicamente podem trazer benefícios mútuos, esclarecendo como empresas, governos e sociedade civil organizada podem criar valores para todos. São "Modelos de Negócios Inclusivos" que envolvem os desfavorecidos economicamente como consumidores (no âmbito da demanda) e como empreendedores (no âmbito da oferta).

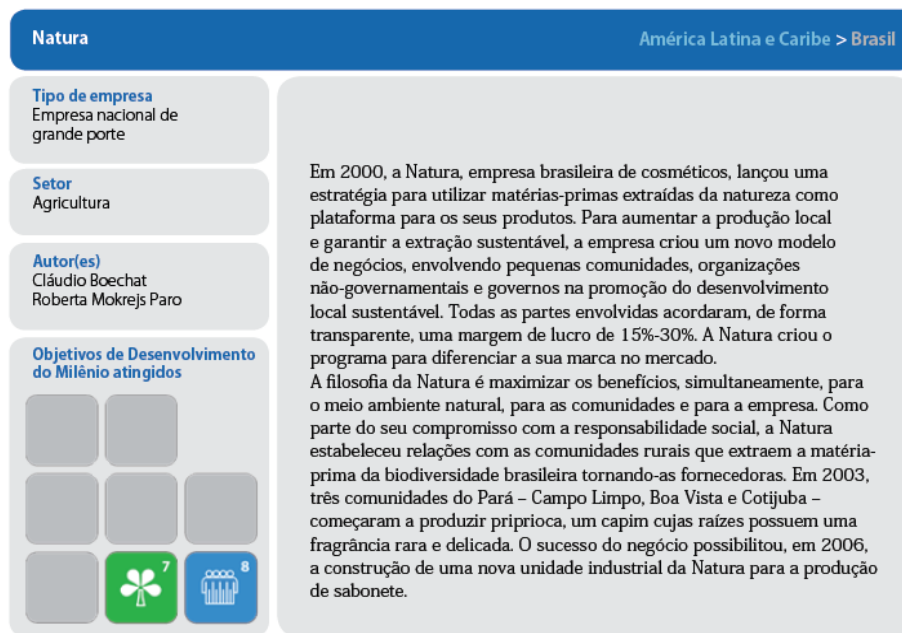
Para as empresas pode trazer inovação, novos mercados e fortalecimento de canais de oferta e para os excluídos, maior produtividade, renda sustentável e capacitação (PNUD, 2008).

A criação de valores para todos é uma forma de minimizar as mazelas socioeconômicas e são contemplados na dimensão social da sustentabilidade que, conforme Manzini (2008, p.23), refere-se às condições sistêmicas pelas quais as atividades humanas respeitem os princípios da justiça e responsabilidade de uso do ambiente em relação às demandas das gerações presentes e futuras.

Na figura 2, observa-se a síntese de um dos casos apresentados neste relatório em que se descreve o exemplo da atuação da empresa Natura. São demonstrados iconicamente os Objetivos do Milênio das Nações Unidas atingidos. A síntese organiza em linguagem verbal e visual que possibilita um aumento na compreensão de cada caso. Tais objetivos do milênio são expostos na figura 3.

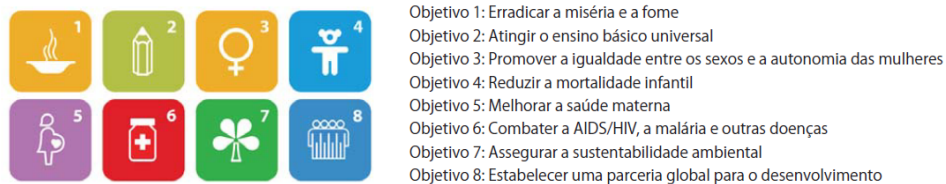
¹ "John Maeda é presidente da Escola de Design de Rhode Island (EUA) e considerado pela revista "Esquire" como uma das 75 pessoas mais influentes deste século". Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/137074-designers-e-artistas-serao-os-lideres-da-inovacao.shtml>>. Acesso em: 06/01/14.

Figura 2 – Síntese do Estudo de Caso Natura.



Fonte: PNUD (2008, p.121).

Figura 3 - Objetivos do Milênio das Nações Unidas.



Fonte: PNUD (2008, p.2).

Vale ressaltar que a busca por uma ética global é um objetivo complexo em que vários atores precisam participar para se alcançar soluções viáveis a sociedade. Tal complexidade em grupos produtivos pertencentes a comunidades desprivilegiadas economicamente pode ser visualizada pelo aumento demográfico nas cidades, aumento de situações de vulnerabilidade social desses grupos por se localizarem em ambientes com pouca ou quase nenhuma infraestrutura socioeconômica e cultural. Isto desfavorece ainda mais as chances de desenvolvimento sustentável, principalmente pela falta de oportunidade de bem estar baseado no acesso aos serviços públicos. Ressaltam-se neste ponto os sistemas sociotécnicos que são relacionados com a inovação e o design para sustentabilidade por meio da visão sistêmica e da subdivisão em dimensões do mesmo modo que é tratada a sustentabilidade em diversos autores (SACKS, 2004, 2009; MANZINI, 2008; MANZINI E VEZZOLI, 2002; VEZZOLI, 2010).

Para Manzini (2008, P.19), o sistema sociotécnico possui três dimensões, a saber: a dimensão física que são os fluxos de materiais e de energia; a dimensão econômica que são as relações entre os atores sociais; e a dimensão ética, estética e cultural que são os valores e juízos de qualidade que darão legitimidade social. Tais dimensões estão próximas ao conceito de ética global do ICSID (2008).

Ignacy Sacks em “Desenvolvimento Includente: sustentável, sustentado” (2008) debate que o desenvolvimento necessita buscar a promoção da inclusão social, do bem estar econômico e da preservação ambiental com foco na distribuição de renda, no trabalho decente e nas políticas públicas. Tudo isso pautado pela ética.

Amartya Sen (1990), citada por Sacks, menciona que desde Aristóteles, a ética está interligada a economia em que o desenvolvimento implica na expiação e na reparação das desigualdades, conectando “as minorias ricas modernizadas e a maioria ainda atrasada e exausta dos trabalhadores pobres.” (SACKS, 2008, p.13). É necessário promover a igualdade, a equidade, a solidariedade e a redução da pobreza, pois crescimento não significa desenvolvimento se o mesmo não atenua as desigualdades. Isto exige um impedimento da competitividade autodestrutiva que deprecia a força de trabalho e os recursos naturais. Nesta publicação, Sacks (2008) indica os cinco pilares do desenvolvimento sustentável, a saber: o social (redução da disrupção social); o ambiental (provisão de recursos *versus* disposição de resíduos); o territorial (distribuição espacial de recursos, das populações e das atividades); o econômico (condições iguais e viabilidade); e o político (liberdade e governança democrática). O mesmo autor cita em outra publicação (Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável, 2009) tais pilares, acrescentando os denominados “critérios de sustentabilidade” que podem ser visualizados na figura 4.

Figura 4 – Critérios de sustentabilidade.



Fonte: própria, baseada em Sacks (2009, pp. 85-88).

Sacks (2009) acrescenta o “cultural” que busca o equilíbrio entre respeito à tradição e à inovação, pela capacidade de autonomia para a elaboração de projeto endógeno e integrado, opondo-se às cópias servis dos modelos estrangeiros. Cita o critério de ecologia que prima pela preservação do capital natural e do limite do uso dos recursos não renováveis. Na dimensão política, separa os critérios nacionais dos internacionais em que no primeiro a democracia é definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, da capacidade do Estado na implantação do projeto nacional juntamente com empreendedores e uma razoável coesão social. E na política internacional, uma eficácia do sistema de prevenção de guerras pela ONU, o princípio de igualdade por meio de um “pacote Norte-Sul” de co-desenvolvimento, um controle institucional do sistema financeiro internacional e da aplicação do Princípio de Precaução, da proteção da diversidade biológica e cultural e gestão do patrimônio global, e por fim, de um sistema de cooperação internacional tecnológica e científica.

Na delimitação deste artigo, os grupos produtivos são tratados como empreendimentos sociais difusos por fazerem parte de um programa de economia solidária municipal que por sua vez inclui em seus princípios os critérios do desenvolvimento sustentável. São casos promissores de inovação social por possuírem, conforme Manzini (2008), uma capacidade de articular os interesses particulares com os sociais e ambientais, reforçando o tecido social e colocando em prática ideias mais sustentáveis de bem estar. São ações colaborativas, comunitárias e que enfatizam as localidades. São pessoas engajadas em dar vida a soluções inovadoras e que mesmo participando de um programa governamental buscam respostas para os problemas cotidianos.

GRUPOS PRODUTIVOS EM DIFERENTES CENÁRIOS SOCIOCULTURAIS BRASILEIROS – a contribuição do design

Há uma ampla diversidade de cenários socioeconômicos e culturais brasileiros e isto pode ser verificado no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) e que para tanto, utiliza-se, neste trabalho, a classificação do Plano Brasil Sem Miséria, lançado pelo Governo Federal do Brasil e coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) desde 2011, visando à superação da extrema miséria até o final de 2014.

O Plano Brasil Sem Miséria é composto por três eixos, a saber: a Inclusão Produtiva; a Garantia de Renda; e o Serviço Público. A inclusão produtiva busca “aumentar as capacidades e as oportunidades de trabalho e geração de renda entre as famílias mais pobres do campo e das cidades”. A garantia de renda procura o alívio imediato das situações de extrema pobreza. E o acesso aos serviços públicos visa à melhoria das “condições de educação, saúde e cidadania das famílias” (BRASIL, 2014a). Deste modo, na figura 5 se apresentam os eixos do Plano Brasil Sem Miséria do Governo Federal, esclarecendo a sistemática de engajamento do município em estudo nas questões sociais.

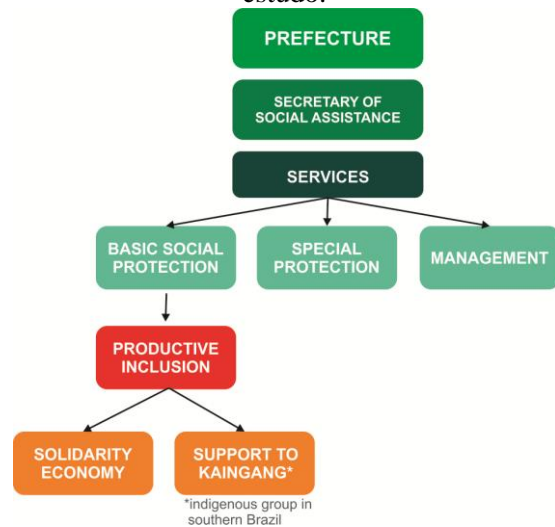
A figura 6 demonstra a estrutura em que se inserem os cenários estudados em que ambos os grupos produtivos fazem parte da inclusão produtiva no âmbito da economia solidária na cidade. Ressalta-se que o grupo produtivo indígena também conta com um programa de apoio aos kaingang da proteção social básica do município, pois são considerados povos em situação de vulnerabilidade social.

Figura 5 – Eixos do Brasil sem Miséria.



Fonte: Cavalcante et al (2011), baseado em Brasil. Disponível em: <http://www.brasilsemmiseria.gov.br>. Acesso em: 09/01/2014.

Figura 6 – Economia Solidária na cidade em estudo.



Fonte: própria, baseado em Prefeitura (2014).

O eixo delimitado nesta pesquisa é o da inclusão produtiva que diferencia suas ações entre o cenário rural e o urbano e visa estimular o aumento da produção no campo e a geração de ocupação e de renda nas cidades. Esta inclusão produtiva se dá também por meio de programas municipais de economia solidária em que os grupos estudados pertencem.

A inclusão produtiva nas cidades articula ações e programas que buscam favorecer a inserção no mercado de trabalho por meio do emprego formal, do empreendedorismo ou de empreendimentos da economia solidária (BRASIL, 2014b).

Neste artigo, para a ampliação do conhecimento sobre o tema design e inovação sustentável, apresentam-se dois diferentes cenários de grupos produtivos que tiveram ações voltadas à sustentabilidade por meio da contribuição do design. Um indígena e outro urbano, respectivamente, um artesanal de conhecimento tradicional e outro de produção semimanufaturada. Ambos inseridos no programa de economia solidária do município em estudo e com situação econômica desprivilegiada, sendo um dos fatores a inexistência de valores mercadológicos e culturais agregados aos produtos que confeccionam.

A comunidade indígena de produção artesanal é constituída por mulheres da etnia kaingang² que desenvolvem produtos de cestaria trançada, como se observa na figura 7. Estes artefatos são produtos do conhecimento tradicional, local e milenar, passado de geração a geração pelas mulheres desta etnia. Desde a descoberta do Brasil, este grupo étnico, assim como outros povos tradicionais e autóctones, sofre com os séculos de resistência física e cultural e com questões referentes à extrema pobreza, com prejuízos econômicos, territoriais e demográficos ao longo dos séculos. Por esta razão, uma destas questões tem sido a perda de seus conhecimentos pela ausência de formas efetivas de preservação e valorização de seus saberes tradicionais. Com todas as mazelas sociais que o grupo enfrenta e mesmo sendo uma comunidade ainda muito dependente de programas governamentais e sociais, o grupo detém historicamente de uma capacidade de viver de modo comunitário, colaborativo e por isto promove naturalmente uma atitude sustentável.

Manzini explicita que a inovação social promovida por comunidades criativas como as indígenas podem propiciar as tradições como recursos sociais e acrescenta que ao “responder as questões colocadas pela vida contemporânea, as comunidades criativas estabeleceram ligações [...] com modos de fazer próprios das culturas pré-industriais” (MANZINI, 2008, p.65-66).

O grupo urbano de produção semimanufaturada é constituído por mulheres de classe econômica baixa, de faixa etária entre 50 a 65 anos que possuem um pequeno empreendimento produtivo de roupas para dormir. A estrutura produtiva inicial foi fornecida pelo programa de economia solidária do município e, atualmente, o grupo possui equipamentos próprios. A produção ocorre em um espaço de uma casa paroquial, sem custo.

² Etnia indígena do sul e sudeste do Brasil.

Isto indica uma ação colaborativa sustentável em que espaços e bens são compartilhados. Neste empreendimento são confeccionadas roupas para dormir em malha de poliviscose lisa e estampada, tais como: pijamas femininos, masculinos e infantis; *baby dolls*; camisolas; e produtos sob encomenda. A figura 8 demonstra alguns dos produtos confeccionados e algumas peças gráficas projetadas para o grupo assim como a identidade visual do mesmo. Embora os produtos do grupo produtivo urbano não se apresentem inovadores, trata-se de um exemplo de comunidade criativa e, portanto formada por pessoas colaborativas que buscam um comportamento coerente com uma perspectiva mais sustentável.

Figura 7 – Cestaria Indígena



Fonte: Catálogo... (2007).

Figura 8 – Confeção Urbana.



Fonte: Sitta Preto (2013).

Nos dois cenários a contribuição do design se deu na busca pelo valor agregado no mercado e nos aspectos culturais inerentes a cada grupo produtivo. Com o acompanhamento aos grupos, o desenvolvimento de sistemas de identidade visual e a participação em oficinas de formação da economia solidária o design estabeleceu nos dois cenários sua contribuição.

Sobre as capacidades cada vez mais difusas do design em um necessário “reprojeto” das pessoas de seus empreendimentos e de seus modos de vida, Manzini, questiona:

O que os *designers* podem fazer para promover e orientar processos de inovação social? Como podem conceber e desenvolver contextos favoráveis e soluções habilitantes? Como podem facilitar a convergência entre organizações colaborativas, sistemas distribuídos e redes sociais? (MANZINI, 2008, p. 96).

As redes projetuais mencionadas por este autor são um complexo sistema de processos de design que envolve indivíduos, empreendimentos, Organizações não governamentais (ONGs), instituições locais e globais que praticam soluções para problemas sociais diversos.

Duas modalidades de design atuam em comunidades de prática e são citadas por Manzini (2008), a saber: o *designing in* e o *designing for*.

A primeira, “Projetando em comunidades criativas”, se dá pela participação do design de modo paritário (*peer-to-peer*) com os outros atores envolvidos na construção dos empreendimentos sociais difusos e que requer novas habilidades do designer, tais como: promover a colaboração mútua entre atores; participar na construção de cenários compartilhados; e combinar produtos e serviços.

Na segunda modalidade, “Projetando para comunidades criativas”, o design observa os casos promissores de inovação social, desenvolvendo ações a fim de aumentar a acessibilidade, a eficácia e a replicabilidade para a promoção de soluções habilitantes. Essas que são capazes de estimular, desenvolver e regenerar as habilidades e as competências.

INOVAÇÃO SUSTENTÁVEL – criatividade difusa e a solução de problemas complexos

A inovação social se refere a mudanças no modo como os indivíduos ou as comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades (MANZINI, 2008, p.61-62; LAUNDRY, 2006; EMUDE, 2006). São mudanças comportamentais mais relevantes que as tecnológicas e as mercadológicas que emergem de processos organizacionais *botton-up* e de uma criatividade socialmente difusa que é possível por meio de um amplo processo de aprendizagem social.

No contexto dos grupos produtivos isto ocorre por meio de iniciativas locais. Estas, ao quebrarem o paradigma da globalização, poderão ser capazes de romper com os padrões consolidados por esse fenômeno mundial e buscarem novos comportamentos e modos de pensar. São as denominadas por Manzini (2008) de descontinuidades locais que são casos promissores que expressam as minorias sociais. Um programa de economia solidária municipal pode ser visto como um tipo de “experimento social de futuros possíveis”, pois são laboratórios multilocalizados e difusos em que são ensaiados os movimentos rumo à sustentabilidade.

O design para a inovação social é uma atividade emergente, pois designers sempre buscaram interligar sociedade e tecnologia com foco na inovação tecnológica, entretanto, mesmo este foco permanecendo válido, é necessário desenvolver a inovação social para usar sensibilidades, capacidades e habilidades de design no projeto de novos artefatos e sistemas.

A questão central deste artigo procura responder como a inovação sustentável pode ser inserida no contexto dos grupos produtivos formados por comunidades desprivilegiadas economicamente e como o design pode contribuir nesta inserção. Tal questão carrega outras demandas já mencionadas por Manzini e que, intrínsecas a esta, se questiona como promover os processos de inovação social, como desenvolver soluções habilitantes e contribuir na convergência dos atores no processo de inovação sustentável?

São distintas respostas para realidades diversas e no contexto dos grupos produtivos pertencentes a populações economicamente desprivilegiadas as soluções são mais complexas e vão ao encontro de uma inovação sustentável, ou seja, que integra critérios de sustentabilidade que ultrapassam a dimensão socioeconômica, passando, dentro de uma abordagem sistêmica, pelos critérios de cultura, de ecologia, de ambiente, de território e de política (nacional e internacional). Acrescenta-se a dimensão ética, estética e cultural do sistema sócio-técnico que dão legitimidade social aos processos de inovação sustentável.

A diversidade socioeconômica, ambiental e cultural dos cenários brasileiros torna complexa a solução dos problemas que não podem seguir uma padronização. Victor Papanek, em 1971, chamava a atenção dos designers ao projeto de soluções para o mundo real. Cardoso (2012) intencionado a retomar a discussão deste autor e a homenageá-lo propõe o design para o mundo complexo. E são nesses cenários cada vez mais intrincados que o design se propõe a buscar soluções sistêmicas, habilitantes e convergentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois diferentes cenários de grupos produtivos no Brasil foram sinteticamente apresentados neste artigo, um indígena e outro urbano no intuito de discernir sobre a difícil realidade desses grupos e a diversidade socioeconômica e cultural na qual eles se inserem. Pesquisas bibliográficas sobre design social, sustentabilidade, inovação social e ética global foram realizadas, assim como pesquisas e análises documentais dos projetos e acompanhamentos com cada grupo produtivo.

Tais consultas e análises nos documentos projetuais de diferentes cenários foram realizadas dentro do ponto de vista do design para a sustentabilidade não sendo comparativas e sim que apontem que em meio à diversidade cultural tais grupos buscam a integração social para solucionar questões do cotidiano.

Na construção de conhecimentos sobre a inovação sustentável em grupos produtivos, verifica-se que o design para a sustentabilidade pode ser uma das formas de alcançar a inovação social além da tecnológica com foco na inclusão produtiva e econômica, visando

minimizar as questões sociais e indicar novos caminhos projetuais que busquem a inovação social de sistemas para o desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS:

BAZZO, G. Designers e artistas serão os líderes da inovação - Professor diz que esses profissionais vão mudar o mundo dos negócios. **Folha de São Paulo**. Segunda-feira, 06 de Janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/137074-designers-e-artistas-serao-os-lideres-da-inovacao.shtml>>. Acesso em: 06/01/14.

BRASIL SEM MISÉRIA. **É o Estado chegando onde a pobreza está**. Disponível em: <<http://www.brasilsemiseria.gov.br/apresentacao>>. Acesso em: 07/01/14a.

BRASIL SEM MISÉRIA. **Inclusão Produtiva Urbana**. Disponível em: <<http://www.brasilsemiseria.gov.br/inclusao-produtiva/inclusao-produtiva-urbana>>. Acesso em: 09/01/14b.

CARDOSO, D. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CATÁLOGO de Cestarias Kaingáng – Projeto Kre Kygfy – trançado kaingáng. Oliveira, M. de (coord.), Londrina: Centro de Intervenção e Pesquisa em Saúde e Ambiente – CIPSAM, 2007.

EMUDE – EMERGING USER DEMANDS FOR SUSTAINABLE SOLUTIONS – 6th Framework Programme - Research in Social Sciences and Humanities (Priority 7 - Research Area 2: Options and choices for the development of a Knowledge-based society). European Community. **Internal Document**, 2006. Disponível em: <http://www.eurosfair.prd.fr/-knowledgesociety/documents/pdf/draft_synopse_6th_pgm.pdf>. Acesso em: 27/08/2013.

FERREIRA, S. B. L. Disponível em: <http://www.uniriotec.br/~simone/Analise%20Empresarial/Parte%201%20%20TGA/9_TGA.pdf>. Acesso em: 15/10/2013.

ICSID - **International Council of Societies of Industrial Design**. Disponível em: <<http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>>. Acesso em: 14/10/2013.

LAUDRY, C. **The Art of city making**. London: Earthsca Publications LTD, 2006.

INTERNATIONAL COUNCIL OF SOCIETIES OF INDUSTRIAL DESIGN. Definition of Design. Disponível em: <<http://www.icsid.org/about/about/-articles31.htm>>. Acesso em: 30/05/2013.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade** – comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Criando valores para todos: estratégias para fazer negócios com os pobres** – Desenvolvendo Mercados Inclusos. One United Nations Plaza, New York: 2008. Disponível em: <http://growinginclusivemarkets.org/media/report/full_report_portuguese.pdf>. Acesso em: 06/01/14.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA - PML. **Política Municipal de Assistência Social**. Londrina, 2010. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/images/stories/-Poltica_Municipal.pdf>. Acesso em: 14 jan 2014.

SACKS, I. **Caminhos para o desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACKS, I. **Desenvolvimento**: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro Garamond, 2008.

SITTA PRETO, Seila Cibele. **Abordagem Sistêmica da Gestão de Design Aplicada a Economia Solidária e seus Empreendimentos Econômicos Solidários**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Design e Expressão Gráfica, Florianópolis, 2013.